

Patrocínio Paulista: diamantes e agronegócio

Localizada ao norte do Estado de São Paulo, mais perto de Minas Gerais do que da Capital, Patrocínio Paulista carrega no “uai” e no “né” dos mineiros. Aliás, foram eles que desbravaram a região em busca de riqueza.

Patrocínio é considerada a terra do diamante. Foram os garimpeiros, por volta de 1830, que se fixaram e fundaram a cidade perto dos rios Sapucaizinho e Santa Bárbara, este último, contam os mais antigos, de onde foram retirados milhares de diamantes, inclusive três com mais de 100 quilates.

O garimpo está proibido na região por questões ambientais. Hoje a riqueza é gerada em suas generosas e férteis terras, próprias para agricultura e pecuária.

A agricultura, desde os tempos áureos do garimpo, sempre ocupou lugar de destaque na economia local. Com a chegada das agroindústrias, grandes geradoras de empregos e impostos na cidade, o ciclo da prosperidade se completou.

É com orgulho que os patrocinienses falam dos produtos da terra. Uma das mais badaladas cachaças da atualidade é produzida em Patrocínio. “Olhe no rótulo”, pede o prefeito José Mauro Barcelos. O leite mais consumido na região também é produzido lá. Grande



Igreja Matriz de Patrocínio Paulista

parte do couro usado para produzir os famosos calçados de Franca vem dos 300 curtumes da cidade, que abriga a sede de uma grande empresa de suplementos para ração animal. Isso sem falar do açúcar e do álcool que rompem as fronteiras da cidade, do estado e do Brasil.

Um novo orgulho veio com a nota que os alunos da rede pública municipal obtiveram na Prova Brasil. A educação municipalizada usa apostilas do governo e aposta na qualidade de seus professores. O sonho é implantar o período inte-

gral para todos os alunos. Por enquanto, um forte impulso acontece na área de inclusão digital, com salas equipadas e profissionais preparados para orientar os alunos.

A cidade, com cerca de 13 mil habitantes, terá finalizada, até o final do ano, a construção de sua estação de tratamento de esgoto. Três novos reservatórios de água também estão em construção, e dois bairros ainda aguardam o asfalto. A iluminação pública passa por reformas. As lâmpadas incandescentes de todos os postes estão sendo trocadas por lâmpadas de vapor de sódio.

A saúde, segundo a administração local, é a melhor da região. O prefeito é médico e faz questão de falar dos modernos equipamentos que estão instalados na rede pública, no núcleo de especialidades, e o melhor, não há filas. A cidade aposta também na prevenção. Está montando seu 5º PSF, Programa de Saúde da Família, este direcionado à zona rural.

As cachoeiras ao redor da cidade são atrativos para visitantes e moradores. A mais procurada é a do Estreito. Um turismo ainda pouco explorado na cidade, mas que promete crescer, aliando as belezas naturais aos roteiros de degustação de doces, queijos e cachaças artesanais. A festa do peão, que acontece em julho, é o evento mais esperado em Patrocínio Paulista.



é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 3623-2326 e 3620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTB 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares



Agronegócio: todos fazem parte



A Campanha de Valorização Institucional da Imagem do Agronegócio vem sendo veiculada nas principais emissoras de televisão da região de Ribeirão Preto desde setembro de 2001, desvendando para a sociedade urbana a interação que o agronegócio tem com a “cidade”.

Cinco novos filmes foram produzidos. Destes, 4 estão no ar. Já somam 28 os informes publicitários da campanha.

O mote dos primeiros cinco anos: “Agronegócio: sua vida depende dele”, passa, nesta nova fase a ser: “Agronegócio: todos fazem parte”.

Existe no Brasil uma tendência em separar agricultura familiar de agronegócio, que certamente acontece por desconhecimento da real abrangência do conceito. A ideologia tem cegado alguns setores da sociedade e do governo. Agricultura familiar virou sinônimo de pequeno agricultor, apartado do mercado, sem acesso a tecnologia e fora da cadeia produtiva.

A agricultura familiar no Brasil, centenária em sua essência e moderna em sua gestão, é parte importante e fundamental do agronegócio. Trinta por cento das propriedades rurais brasileiras são classificadas como pequenas. Elas são responsáveis por grande parte da produção que abastece as cidades e também ajudam a compor a pauta de exportações do Brasil. Agricultura familiar não está relacionada a porte, mas sim à forma de gestão. Também não é sinônimo de subsistência, já que sua viabilidade está atrelada à orientação para o mercado.

Para clarear estes conceitos e mostrar a força e a importância da agricultura familiar para a economia brasileira, foi que 3 novos comerciais da ABAG/RP foram concebidos.



Cenas do comercial intitulado *Dia-a-Dia*, onde o adolescente mostra o quanto o agronegócio está presente em sua vida

Uma quarta peça, que entrará no ar no mês de setembro, aborda a questão do pequeno produtor sob a ótica da tecnologia. É comum ouvir que a tecnologia nunca é desenvolvida para o pequeno produtor. Não há procedência na afirmação. Universidades, instituições de pesquisas e as indústrias brasileiras desenvolvem as tecnologias que depois são adaptadas ao porte dos diferentes produtores.

Por fim, para não deixar que o conceito de agronegócio se perca na percepção do público, um quinto co-

mercial foi produzido. Neste, um adolescente é a personagem central. É ele quem mostra para a população o quanto o agronegócio faz parte da vida das pessoas, e que no dia-a-dia praticamente tudo vem ou depende do agronegócio.

Cerca de 100 cidades da região de Ribeirão Preto são atingidas pelas duas emissoras regionais que veiculam os comerciais da ABAG/RP: TV Globo e TV Record.

O acesso a todos os comerciais pode ser feito via internet, na home-page da ABAG/RP: www.abagr.org.br

O que falta fazer é fazer

O Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luis Fernando Furlan, em seu discurso no 5º Congresso Brasileiro de Agribusiness, conseguiu sintetizar o “status quo” do agronegócio brasileiro. Em uma rápida reflexão, disse que se o discurso do Presidente da ABAG, quando da abertura do 4º CBA, fosse lido novamente, acertaria 70% no alvo. Falou que o Brasil, que firma no mundo sua imagem competitiva, vive um paradoxo. Começa no manejo, onde o produtor está inquieto e se ressentida da falta de renda; passa pela infra-estrutura, carga tributária, taxa de juros, comércio internacional, burocracia, biotecnologia... Segundo ele, as respostas para todas as questões relacionadas ao agronegócio, a não ser nas negociações internacionais, dependem apenas dos brasileiros. Por que não acontece, então? As respostas têm nuances incompreensíveis.

No primeiro CBA, realizado em 2002, foram apresentados os “Cenários Potenciais de Crescimento do Agronegócio até o ano de 2010”. Nas edições seguintes os temas foram: “Construção de Estratégias”, “Criação de Vantagens Competitivas” e “Alimentos, Energia e Sustentabilidade”. Pequenos foram os avanços, apesar de todos os caminhos serem conhecidos.

Em sua quinta edição o Congresso priorizou a pró-atividade. Apontar linhas mestras para o futuro, sem os olhos do passado, para buscar ações e comprometimentos.

As exposições de todos os palestrantes fugiram dos diagnósticos, já existentes e conhecidos, e que precisam sair do papel. O economista e escritor Eduardo Giannetti falou sobre “Diversificação e Sustentabilidade”, e suas implicações no cenário global, na política econômica brasileira e no próprio agronegócio. Enfatizou que o Brasil é craque em se recuperar de crises, mas que não consegue dar o passo seguinte, do qual depende a transferência do presente para o futuro. Chamou atenção para a ocupação anárquica do território brasileiro, um risco que pode ser revertido com um zoneamento econômico e ecológico adequado e

realista. Este mesmo zoneamento poderia nortear as atuações das ONGs, posto que muitas, principalmente as internacionais, segundo ele, podem ter outros interesses em atuar no Brasil. Entre estes “outros” interesses, o de acirrar e propiciar o protecionismo internacional contra o próprio país que as sedia. Isso pode ocorrer, segundo Giannetti, até por desinformação. Dados técnicos continuam sendo o melhor argumento.

Sobre integração, dois enfoques: um do ex-ministro, Alysso Paolinelli, e o outro do presidente da Câmara Setorial Sucoalcooleira, Luiz Carlos Corrêa Carvalho: “Lavoura e Pecuária” e “Alimento e Energia”. A palavra-chave dessa integração é tecnologia. O século XXI aponta para a “revalorização” da agricultura, não apenas para produzir alimentos, mas indispensável na produção de fibras e energia. As tecnologias convencionais seguirão sendo aplicadas, mas uma ruptura tecnológica trará, a médio prazo, segundo Carvalho, ganhos excepcionais em termos de bio-materiais, biocombustíveis, energia elétrica, indústria química, produtos alimentícios, tudo em função do agronegócio.

Diversificar, no sentido de agregar valor, renda e emprego, significa desenvolvimento sustentável, complementa Carvalho.

O cenário macroeconômico foi discutido pelo ex-ministro Pedro Parente. A apresentação mereceu intervenções da platéia em forma de aplausos. O ex-ministro buscou explicar por que que o Brasil não cresce. Não cresce porque falta investimento, que não acontece por falta de retorno e alto custo financeiro. A desproporção do custo do Estado brasileiro é outro fator negativo para o país. É preciso crescer muito mais que os 2,5% de hoje. No mínimo, 4,5% a.a., o que significa investir pelo menos 26% do PIB, ante aos cerca de 20% de hoje. A renda per capita do Brasil cresce menos ainda, 1% ao ano, e hoje beira os US\$ 9.000. Para alcançar a renda de outro país em desenvolvimento, a Coreia do Sul, cuja renda é de US\$ 22.000, precisaria crescer 10% ao ano nos próximos dez anos. No atual ritmo chegaremos ao mesmo patamar da Coreia

do Sul daqui a 136 anos. Para não continuar sendo meros espectadores do crescimento dos outros países, Pedro Parente

aconselhou ser necessário ter foco, liderança e legitimidade. Medidas paliativas não podem mais acontecer.

Infra-estrutura, financiamento e sanidade foram os temas que completaram os debates no segundo dia. Os pa-

lestrantes: Paulo Manoel L. C. Protasio, Sebastião Costa Guedes e José Roberto Mendonça de Barros, expressaram suas indignações e contrariedades quanto a forma como estes assuntos são encarados pelo setor público brasileiro, com impactos negativos para o setor privado.

A tarde do segundo dia foi o momento mais esperado pelo público. Plenário lotado para ouvir o pronunciamento dos candidatos à presidência da república em relação às propostas do agronegócio, que lhes foram encaminhadas pela ABAG.

O candidato à reeleição, Luiz Inácio Lula da Silva, apesar da insistência e paciência dos organizadores em esperar até o último minuto, foi o único dos candidatos convidados que não respondeu. Mereceu as críticas que recebeu.

Na platéia, manifestações isoladas caracterizaram a frustração e a não surpresa com o fato. Os outros três candidatos, Cristóvam Buarque, Geraldo Alekmin e Heloisa Helena, em vídeo, responderam a 6 dos 15 pontos levantados. A senadora Heloisa Helena abriu sua fala dizendo que não é preciso ter medo dela. Tentou ser simpática ao mostrar seu posicionamento mais voltado ao socialismo, mas sem se comprometer muito. O ex-ministro Cristóvam Buarque tentou se comprometer com o setor. Mostrou conhecimento em algumas áreas, mas pouca profundidade em relação aos temas. O candidato que mais pareceu familiarizado foi o ex-governador Geraldo Alekmin. Ele tentou ligar as respostas para demonstrar seu conhecimento. Agradou.

Entre agradecer e se comprometer há uma grande distância. É tempo de analisar, com calma, os programas de todos. Não só dos candidatos à presidência, mas dos candidatos aos governos estaduais e deputados federais, estaduais e senadores. É hora de cobrar realizações, afinal, não é favor, é dever para com o setor mais importante da economia brasileira, que tem sido o esteio do desenvolvimento nacional, mas que precisa de respaldo de políticas públicas para garantir sua competitividade.



O Presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, faz o discurso de abertura do 5º CBA

Trecho do discurso de encerramento do 5º CBA

...as ações são, ou precisam ser, públicas e privadas Do lado público, a Abag montou um grande debate entre os candidatos à Presidência, com base nas prioridades levantadas entre entidades do agronegócio.

Por mais que tenhamos perseguido este objetivo, os resultados do Congresso superaram todas as nossas melhores expectativas.

Foi emocionante ver o encadeamento, o alinhamento das idéias de todos os palestrantes.

Fica claro que temos respostas para todos os problemas, e com a competência dos expositores, identificamos, de modo inequívoco e definitivo, a origem dos problemas, ou a origem da dificuldade de resolver os problemas.

O que falta fazer é fazer!

Estamos na hora da verdade, de eleger representantes que saiam do discurso e arregassem as mangas.

E passamos da hora de unificar nossos discursos e pleitos e fazer ver a quem interessar possa, a força e a importância que temos para a economia, para a geração de empregos e renda, o desenvolvimento econômico e social.

Nas palavras do nosso homenageado Alysso Paolinelli, a conclamação para que saíamos da inércia. Movimento é vida!

O que ouvimos?

Do atual Presidente e candidato, infelizmente nada ... ele não gravou.

Dos candidatos Cristóvam Buarque, Geraldo Alekmin e Heloisa Helena, posturas muito positivas, animadoras até!! Pudemos sentir que os nossos pontos foram aceitos e houve efetivo compromisso deles. De quem não ouvimos, não comentamos.

O agronegócio reclama atenção, recursos e sentir-se aceito pelo Governo. Entidades, como a Embrapa, merecem o nosso respeito e admiração e, mais que isso, a nossa atuação. Quero ser o grito do Paolinelli, a sua indignação com o desrespeito para com o nosso passado recente, onde a Embrapa criou o nosso futuro. Não basta só isso. Vamos cobrar a realização de orçamentos para a Embrapa. Vamos agir, e fortemente. Não vamos aceitar o “status quo” .